ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 2965-5609

MOBILIDADE TERRITORIAL DO TRABALHO, PRECARIZAÇÃO DA VIDA E MINERAÇÃO: os garimpos de esmeraldas em Campos Verdes/GO, Nova Era/MG e Pindobaçu/BA

Wilian Ribeiro de Padua
Doutorando no curso de Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG
E-mail: wrpadua@hotmail.com

Marcelo Rodrigues Mendonça
Professor Doutor nos cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás – IESA/UFG
E-mail: marcelomendonca@ufg.br

Resumo
O artigo possui como objetivo compreender a mobilidade territorial do trabalho e a precarização da vida nos garimpos de esmeraldas em Campos Verdes/GO, Pindobaçu/BA e Nova Era/MG. A metodologia está calcada nos procedimentos da pesquisa qualitativa, como pesquisa de campo, observação participante e diário de campo. A Geografia do Trabalho serviu de orientação para as questões teóricas e metodológicas. Os garimpos foram descobertos em épocas distintas, porém, desde 1988 as atividades minerais passam a ocorrer de maneira simultânea nas três localidades. Apesar dos processos minerários ocorrerem simultaneamente, cada garimpo possui suas particularidades, desde a qualidade das *pedras* até as relações de trabalho. Justamente estas singularidades que criaram um interessante processo de mobilidade territorial do trabalho. Por conseguinte, essa mobilidade triangular gerou consequências no território, na sociedade e no trabalho, fatos estes demonstrados neste artigo.
Palavras chave: Mobilidade Territorial do Trabalho; Precarização da Vida; Garimpeiros; Esmeraldas.

TERRITORIAL MOBILITY OF LABOR, LIFE'S PRECARIZATION AND MINING: the emerald mines in Campos Verdes, Goiás, Nova Era, Minas Gerais and Pindobaçu, Bahia

Summary
The article aims to understand the mobility of the territorial of labor and the lower quality of life in the emerald mines of Campos Verdes/GO, Pindobaçu/BA and Nova Era/MG. The methodology is based on qualitative research procedures, such as field research, participant observation, and fieldnotes. The Geography of Labor served as a guideline for theoretical and methodological issues. The mines were discovered at different times, but since 1988 mineral activities have been taking place simultaneously in these three locations. Although the mining processes occur simultaneously, each mine has its own particularities, ranging from the quality of the stones to labor-related activities. It is precisely these singularities that have created an interesting process of territorial labor mobility. Consequently, this triangular mobility has generated consequences in the territory, in society, and in labor, which are investigated in this article.
Key words: Territorial Labor Mobility; Lower quality of Life; Artisanal Miners; Emeralds.

Introdução

O artigo possui como objetivo compreender a mobilidade territorial do trabalho nos garimpos de esmeraldas em Campos Verdes/GO, Pindobaçu/BA e Nova Era/MG. Os resultados demonstrados resultam da pesquisa defendida no Mestrado (2020)[1], no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás. Entre os anos de 2020 e 2022, por meio de pesquisa de campo e de levantamentos atualizados sobre os garimpos pesquisados, foi possível atualizar as discussões apresentadas neste artigo.

A metodologia está calcada nos procedimentos da pesquisa qualitativa, como pesquisa de campo, observação participante e diário de campo. As questões teóricas e metodológicas se basearam nas reflexões propostas a partir da Geografia do Trabalho.

A esmeralda em si não é um bem produzido pelo homem, ela é um bem natural que incorpora o trabalho a partir da descoberta e de seu beneficiamento. As cidades e as sociedades de Pindobaçu/BA, Campos Verdes/GO e Nova Era/MG, foram cunhadas sobre a égide do trabalho no garimpo. A pesquisa permitiu compreender que o garimpo traz experiências de trabalho únicas e muito particulares.

Os espaços são apropriados a partir dos bens territoriais que possuem, que no caso dos municípios pesquisados, é a esmeralda. Assim, estes territórios foram transformados por esta característica. O motivo destas características serem muito peculiares é que, ao se apropriarem desses espaços, os garimpeiros produziram territórios em disputa, uma vez que, os processos de apropriação foram desiguais por conta das classes sociais, dos agentes e interesses dos atores envolvidos. Tudo isto, acaba por diferenciar as experiências territoriais.

A história e a geografia dos municípios pesquisados estão inseridas em um movimento dialético e indissociável. Garimpo e garimpeiros imprimiram sua marca nos territórios, deixando uma identidade facilmente perceptível. A identidade garimpeira é tão marcante que acabou sobrepondo a identidade originária das três regiões pesquisadas.

Em Pindobaçu/BA, o garimpo passa a fazer parte da vida da região de maneira efetiva a partir de 1969; em Campos Verdes/GO, em 1981; em Nova Era/MG, o garimpo data de 1988. Dessa forma, o garimpo passa a influenciar esses municípios de maneira determinante, seja na política, na cultura e, principalmente, na economia.

Ao longo das décadas, esses garimpos, seus garimpeiros e *suas gentes*, vêm passando por transformações territoriais, algumas profundas, como as que versam sobre o trabalho. As

[1] Dissertação disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/fc76ae43-7d13-4617-b413-275d73addce7

configurações pretéritas são atualizadas constantemente, alterando as configurações do espaço e do território na contemporaneidade.

Em um primeiro momento, é factível imaginar que, o que move os garimpeiros entre os três garimpos é a gana em enriquecer, mas, na realidade, o ponto focal desta "andança" é o trabalho. Via de regra o garimpeiro não pertence ao local onde se lavra o bem mineral. A *vida difícil* e a falta de condições básicas de existência, faz com que o trabalhador deixe seus locais de origem em busca de vida melhor.

Gaudemar (1977) discorre de maneira muito assertiva sobre o conceito mobilidade forçada, também relatada por Póvoa Neto (1997) por mobilidade indesejada. A terminologia utilizada por ambos autores, retrata o que acontece com os trabalhadores garimpeiros que, por vontade própria, não deixariam seus lugares de origem, mas se veem obrigados a fazê-lo por conta das necessidades básicas. Por isso, a mobilidade é tratada pelos autores como algo involuntária.

O trabalhador além de ser obrigado a mover-se em busca de trabalho, acaba por trocar também de profissão, visto que, precisa aceitar o que lhe é oferecido e não o que deseja, conforme destacado por Perpetua; Tomaz Junior (2018). Ressalta-se que via de regra o garimpeiro está à margem da sociedade, e isto favorece a exploração ao qual acaba se sujeitando.

Pessoas são "expulsas" de seus lugares por diversos fatores, tais como: implementação tecnológica que acaba por suprimir vagas de empregos tradicionais, os momentos de crises financeiras na economia do país também são responsáveis pela redução do ritmo de crescimento e, com isso, a geração de empregos fica comprometida, forçando com que as pessoas os busquem em outros lugares e atividades. Estes são apenas alguns exemplos destas aflições que assolam as pessoas que vagam em busca de trabalho e, por consequência, sobrevivência.

> Essas dinâmicas nos exigem entendimentos e atenções para as especificidades da mobilidade do trabalho ou, concretamente, dos trabalhadores, de sorte a atender às demandas do capital, quer pela atração, quer pela repulsão/expropriação/expulsão. Causa-nos preocupação especial, nesses diferentes movimentos territoriais do trabalho, aquele que impõe não somente o deslocamento de um local para outro (desterritorialização), mas, especialmente, que atinge mudanças no exercício das habilitações laborais dos trabalhadores. Isto é, são obrigados a mudar de profissão ou a mover-se por novas dinâmicas territoriais, em resposta ao desenraizamento original (PERPETUA; THOMAZ JUNIOR, 2018, p. 44).

Além da questão da mudança de ofício que a mobilidade do trabalho tem impetrado às pessoas, Perpetua; Thomaz Junior (2018), abordam outro tema importante, a desterritorialização, que é a perda do vínculo humano com seu lugar de origem. Vale ressaltar que, se pode ainda passar pelo processo nem sempre factível de reterritorialização, em que o indivíduo pode se adaptar a um novo lugar.

O processo de reterritorialização, às vezes, não se torna possível justamente devido a fluidez dos mercados de trabalho na atualidade, percebida tanto nos ambientes rurais quanto nos urbanos e, isso, força uma mobilidade territorial constante que não permite que se crie "raízes", conforme destaca Povoa Neto (1997, p. 01):

> A crescente fluidez dos mercados de trabalho rural e urbano, no Brasil e na América Latina, tem obrigado os trabalhadores a uma constante mobilidade espacial e setorial. A busca por trabalho e por serviços indispensáveis à sobrevivência torna-se assim um padrão, um modo de existência.

A dificuldade em criar raízes, está fundada justamente na fluidez dos mercados de trabalho, que acabam por influenciar na maneira como ocorre a mobilidade em busca de emprego. Se a mobilidade do trabalho mudou em ambientes tradicionais como o campo e as cidades, também aconteceu em atividades não convencionais como os garimpos. Portanto, a falta de convencionalidade no garimpo é evidenciada pelas relações de trabalho, que comportam maneiras de remuneração únicas, cargos utilizados apenas nesta atividade e jornadas de trabalho sem regulamentação.

Além de tantas mazelas enfrentadas pelo trabalhadores garimpeiros, eles ainda enfrentam a precariedade no desenvolver de suas atividades. Por ser um trabalho que pouco mudou desde o ciclo do ouro, essa ação acaba atraindo muitos trabalhadores, pois as exigências são poucas, como atestam Rodrigues; Garcia (2012, p. 04): "Devido a simplicidade do trabalho no que diz respeito à técnicas e conhecimentos necessários para a realização da extração de minérios, que continua a ser ainda na atualidade em muitos casos feita de forma rudimentar, sempre houve mão-de-obra necessária".

Força, coragem e submissão são as principais características que os contratantes esperam dos garimpeiros. A *pouca qualificação* exigida para o trabalho no garimpo, aliado à sanha do garimpeiro pela expectativa da sempre próxima chance de enriquecer, faz com que não percebam o quanto estão vulneráveis, realizando atividades que atentam contra a saúde física / mental e contra a própria vida. É Importante destacar que esta debilidade funcional está enraizada nos garimpos desde o Brasil Império.

A precarização nas relações de trabalho nos garimpos

No garimpo, comumente, ouve-se garimpeiros dizendo que: "preferem atuar nesta atividade às demais, pois no garimpo trabalham como querem, quando querem e da maneira que desejam, uma vez que eles acreditam que são seus próprios patrões". Porém, o que é visto na prática é que as relações de trabalho nesta atividade são muito parecidas com qualquer atividade capitalista. O que difere esta operação das demais é algo mais nefasto, como por exemplo, a ausência de fiscalização sobre as relações de trabalho e as condições de vida nestes espaços.

No garimpo, o dono de cada *cata*[2] dita as regras de trabalho, o trabalhador labora excessivamente, muitas vezes em turnos superiores à 12 horas diárias, às vezes, sete dias por semana. Este cenário em que o "olhar" estatal não alcança, é exposto por Galdemar (1977, p. 217): "A primeira forma pela qual se manifesta no tempo a mobilidade da força de trabalho, é a da extensão máxima da jornada, quer em certos ramos a lei não lhe fixe qualquer limite, quer os empresários o consigam de modo mais ou menos legal".

Porém, para o empregador, nada disso importa e, às vezes, nem mesmo para o trabalhador. No caso do garimpo, muitas vezes o garimpeiro está inebriado pela sanha da riqueza iminente e não visualiza que, assim como as demais atividades na sociedade capitalista, no garimpo existem os "exploradores" e os "explorados", e que ele acaba sendo inserido no segundo grupo.

De acordo com Mattos (2013, p. 85): "A rigor, continuam a emergir novas gerações de trabalhadores, mas não necessariamente mais trabalhadores assalariados formais, categoria fundamental com a qual se pensou a classe trabalhadora até aqui". Sobre o garimpo, Moura (2008, p. 62), descreve: "Esse "formigueiro" tem sua própria organização, na qual, grupos ocupam-se de diversas funções, em troca de um determinado salário, ou de algum ganho intermitente".

Os entendimentos de Mattos (2013) e Moura (2008) convergem cada qual a sua maneira para o mesmo desfecho. Enquanto o primeiro autor chama atenção para o fato de que as formas de trabalho estão mudando, deixando de ser com o assalariamento convencional que conhecemos, o segundo autor chama esse tipo de remuneração de ganho intermitente.

[2] Poços subverticais e verticais de onde são retiradas as rochas hospedeiras das esmeraldas, o "xisto".

Um exemplo dessas novas formas de assalariamento, é evidenciada nos garimpos pesquisados e exposto no Quadro 01.

Quadro 01: Tipos de remuneração nos garimpos de esmeraldas pesquisados

TIPOS DE REMUNERAÇÃO
Porcentagem sobre a produção por turno de trabalho
Diária
Salário fixo
Porcentagem sobre o lucro da cata
Recebimento em xisto[3]

Fonte: Autor (2022)[4]

Precário é a palavra que evoca fragilização e instabilidade e advém da palavra latina "precarius". Kalleberg (2009, p. 22) conceitua:

> Por trabalho precário quero dizer trabalho incerto, imprevisível, e no qual os riscos empregatícios são assumidos principalmente pelo trabalhador, e não pelos seus empregadores ou pelo governo. Exemplos de trabalho precário incluem atividades no setor informal e empregos temporários no setor formal. O trabalho precário não é novidade e existe desde o início do trabalho assalariado. No entanto, forças sociais, econômicas e políticas que têm operado durante várias décadas tornaram o trabalho mais precário no mundo inteiro.

Acrescendo a citação de Kalleberg (2009) e direcionando para a realidade dos três garimpos pesquisados, fica evidenciado as condições precárias dos trabalhadores e a exploração mediante subcontratações. A precarização está relacionada com a perda de direitos, no qual deixa o trabalhador garimpeiro ainda mais subalternizado.

Infere-se que o capital, convencional ou não, nunca perde, se a cata estivesse produzindo muito, e o xisto estivesse com gemas de qualidade, o trabalhador era sempre contratado por salário fixo[5] ou diária. Quando a *cata* não estava indo bem, oferecia-se ao trabalhador a possibilidade de ganhar um percentual[6] sobre o que fosse extraído durante seu turno de trabalho, ou do que fosse extraído durante o mês.

[3] O xisto é uma camada de rocha sedimentar originada sob temperaturas e pressões elevadas e para encontrar as esmeraldas é necessário quebrar tal rocha.
[4] Não é possível precisar o percentual de cada uma destas modalidades de remuneração. As atividades de extração das catas eram cíclicas, ora extraiam pedras boas, ora pedras de pouca qualidade e as vezes passava-se meses sem que se extraísse nenhuma pedra. Por isso as formas de remuneração também eram cíclicas.
[5] Salário fixo, mas sem carteira assinada
[6] Este percentual variava de *cata* para cata

Todavia, a maneira preferida por empregados e patrões era o pagamento em "carrinho"[7] de xisto. Não é incorreto afirmar que esta modalidade é uma espécie de contrato de risco. Se a sorte lhe "sorrisse", o garimpeiro talvez nem precisasse mais voltar à mina, pois com apenas uma "pedra" poderia bamburrar[8]. O grande problema é que a pessoa que separava o xisto o qual o trabalhador tinha direito era o fiscal da *cata*, que era o homem de confiança do dono da mina, que por sua vez, era quem separava o xisto de qualidade do que não tinha qualidade.

Neste panorama, vemos novamente a subalternização do trabalhador, que neste cenário tinha minorado o sucesso em ficar rico, pois o dono da *cata* era quem escolhia o xisto o qual o trabalhador receberia seu salário. Parafraseando um famoso ditado popular: "era como deixar a raposa tomando conta do galinheiro". Além deste cenário, existe uma máxima em todo garimpo de esmeraldas, que diz o seguinte: "toda esmeralda está dentro do xisto, mas não é todo xisto que tem esmeraldas".

Assim como as formas de remuneração no garimpo não seguiam um padrão convencional, as atividades desempenhadas pelos trabalhadores garimpeiros também não se enquadravam no padrão laboral convencional (Quadro 02).

Quadro 02: Estrutura de trabalho nos garimpos de esmeraldas pesquisados

CLASSE[9]	FUNÇÃO	PAPEL DESEMPENHADO
A	Dono das catas	Detentores do capital[10]
B	Gerente da cata	Responsável por toda operação da cata
C	Fiscal	Supervisiona
	Separador	Separa pedras boas das ruins
	Avaliador	Dá o valor monetário a cada *pedra*/lote
D/E	Cortador[11]	Corta a rocha
	Guincheiro[12]	Desce e sobe os garimpeiros das catas

Fonte: Autor (2019)

Shmaltz; Guimarães (1983, p. 281)[13] apontam para uma estrutura de trabalho garimpeiro muito semelhante entre os garimpos de Pindobaçu/BA e de Campos Verdes/GO:

[7] Idêntico ao utilizado na construção civil, contendo 0,05 m³ de xisto
[8] Em garimpos, significa que o garimpeiro encontrou o bem mineral e ficou rico
[9] Baseado nos critérios utilizados pelo IBGE.
[10] As origens deste capital são os mais variados, vão desde comerciantes, empresários, profissionais liberais, garimpeiros que ganharam dinheiro no prórpio garimpo.
[11] Figura 02
[12] Figura 01

> As funções no trabalho de garimpagem em Campos Verdes/GO são idênticas as observadas em Pindobaçu, Bahia, de onde é oriundo o maior contingente de garimpeiros que atuam na região. Existem o dono do serviço, o fiscal, o cortador (que trabalha no desmonte), o desarrolhador (que atua na limpeza e transporte) o carreteleiro (responsável pela operação do sarilho) e o guincheiro.

A mesma estrutura de trabalho descrita por Shmaltz; Guimarães (1983) se estende ao garimpo de Nova Era/MG, já que a maioria dos garimpeiros que chegaram em Campos Verdes/GO à época da descoberta vieram do garimpo baiano, e após a descoberta do garimpo mineiro, os garimpeiros das duas primeiras localidades passaram a também trabalhar neste garimpo, por consequência, nada mais natural que as formas de trabalho fossem assimiladas.

Dentre todas as precarizações do trabalho, uma delas se destaca, e é justamente a "classe" mais baixa dentro do garimpo de esmeraldas. Esse trabalhador é conhecido como cortador, que apesar do nome, não cortam, e sim quebram as rochas com picaretas, visando reduzir o tamanho dos fragmentos para então enviá-los à superfície. Além de realizarem o trabalho mais penoso, utilizam como EPI's[14], apenas botas de borracha e capacetes, sempre trabalhando de bermudas e sem camisa, devido as altas temperaturas no interior[15] das *catas*. Esses trabalhadores ainda precisam descer ao fundo da *cata* em ganchos improvisados. Ambos os cenários podem ser visualizados na Figura 01.

Figura 01: Gancho improvisado, falta de segurança e insalubridade dentro das *catas*



Fonte: Blog Caminho das esmeraldas[16]

[13] Algumas funções descritas por Shmaltz; Guimarães (1983) não foram contemplados no quadro 04 pois eram denominações específicias no garimpo de Pindobaçu/BA e não eram assim nominadas em Campos Verdes/GO ou foram adaptadas em Campos Verdes/GO.
[14] Equipamento de proteção individual
[15] Algumas chegam a 400 metros de profundidade
[16] Disponível em: http://caminhosdasesmeraldas. zip.net/morada/. Acesso em: mai. 2018.

Após a quebra do xisto, as "pedras" de esmeralda existentes são extraídas e reunidas. Nesta etapa, entra em cena o "classificador" (Figura 02 – A/B). Este papel deve ser desempenhado por pessoa da mais alta confiança do dono da mina, pois é o responsável por classificar as esmeraldas de acordo com a qualidade. Em geral, são denominadas como pedras extras, boas, medianas e fracas.

Figura 02 – Fotografia A e B: avaliador procedendo a separação das pedras em Campos Verdes/GO





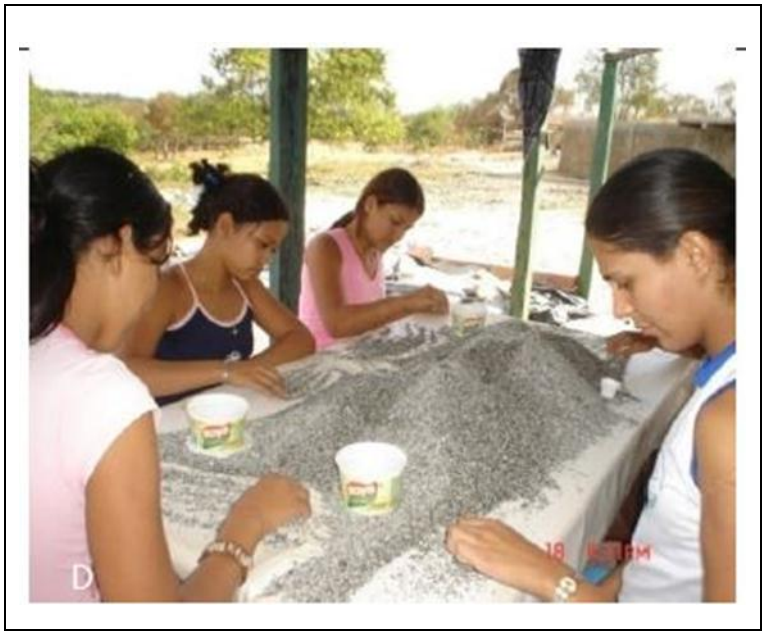
Fonte: Produzida pelo Autor, 2018

Afora as *funções tradicionais* da cadeia de extração, beneficiamento e comercialização das catas, existem outras de menor relevância, porém estas funções também são precarizadas.

Umas destas funções são exercidas por mulheres e crianças que se acotovelam na busca da "areinha"[17] (Figura 03). As "pedras" de qualidade inferior também são comercializadas por aqueles que não detêm recursos para comercializar as gemas de qualidade superior. Às vezes, um lote de pedras ruins e até mesmo medianas são comercializadas mais de uma dezena de vezes, sempre com valores diferentes, já que não existe um parâmetro de cotações.

[17] Pedras minúsculas que são separadas para serem vendidas como pingentes e meia lua.

Figura 03 - Mulheres trabalhando na "cata" da areinha em Campos Verdes/GO



Fonte: Nascimento (2009).

Em dois dos garimpos pesquisados, existem alguns empreendimentos minerais, e no que diz respeito ao de Campos Verdes/GO, já existitu tais empreendimentos. O que difere a garimpagem profissional dos empreendimentos minerais são dois aspectos principais: o primeiro é que estes empreendimentos eram/são regulamentados pelo governo federal, e o segundo era que a contratação de trabalhadores ocorria através da CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas.

Poucos trabalhadores do garimpo usam alguma joia ornada com esmeraldas, aqueles que a tem, geralmente são gemas baratas. Quem se aproveita das esmeraldas em todas suas formas não são os trabalhadores, que executam um trabalho perigoso, insalubre e mal remunerado, mas, quem se beneficia deste luxo estéril são os detentores do capital.

A mobilidade do capital chega atraída pelas esmeraldas e cria uma estrutura que funciona somente com a existência de mão de obra. Quando as esmeraldas acabam, as empresas e os donos das catas vão embora, e os empregados ficam esquecidos. E estes esquecidos da mineração, logo precisam buscar meios de sobrevivência, então, inicia-se a mobilidade territorial do trabalho.

Garimpeiros em movimento: a mobilidade territorial do trabalho

Garimpos, via de regra, são divididos entre os de curta duração, ou seja, descobre-se o bem mineral, porém, fica imediatamente inviabilizado, seja por esgotamento do mineral ou pela falta de estrutura especializada para a continuidade da exploração. Povoa Neto (1997) nomina a outra forma de garimpo como estabilizados, ou seja, aqueles que duram décadas.

Os três garimpos estudados se enquadram na definição de Povoa Neto (1997). Embora, sejam garimpos estabilizados, ainda passam por períodos de crise, como qualquer atividade. Essas crises podem variar desde a dificuldade na extração das esmeraldas, quanto a qualidade das gemas extraídas.

Sobre este tema Povoa Neto (1997, p. 09), ainda descreve que:

> Resta observar que, mesmo nos garimpos estabilizados, ocorre um complexo jogo entre mobilidade e fixação espacial do garimpeiro. Há desde os que estão de passagem, seguindo as notícias quanto a oportunidades que ora se oferecem, os que são garimpeiros apenas sazonalmente, e os que permanecem no lugar face à ausência de melhores perspectivas.

Para Marx (2013), a acumulação do capital determina tanto a procura quanto a oferta de trabalho. Nesta perspectiva, Gaudemar (1977, p. 288) afirma que: "A mobilidade do trabalho assegura a adequação entre os dois tipos de disponibilidade, a do trabalhador sem emprego e o que convém ao capital, que determina a repartição da oferta de trabalho".

Na confluência das ideias de Marx (2013) e Gaudemar (1977), a mobilidade do trabalho aparece tanto como a "porta" que pode, eventualmente, viabilizar a ascensão, quanto como o único recurso com que dispõe o trabalhador. Aliado a esta necessidade vital, existe ainda as "facilidades" ofertadas pela globalização.

Marandola Junior (2011, p. 109) afirma ainda que: "As formas de mobilidade humana têm evoluído continuamente, concomitantemente com o desenvolvimento das tecnologias de transporte e comunicação". Corroborando com a ideia de Marandola (2011), a globalização além de encurtar as distâncias criou uma cadeia onde tudo e todos estão interligados de alguma maneira. Então, não é surpresa, que, todos os acontecimentos contribuem de alguma maneira para os processos de mobilidade. Eventualmente, pessoas chegam em busca de novas oportunidades e quando não as encontram, deixam a região em busca das mesmas oportunidades, contudo em outros lugares ou até em outras atividades.

> De fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A

> pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção (SANTOS, 2003, p.10).

Há de pensar, que, Santos (2003) ao escrever o trecho acima, imaginasse que décadas mais tarde, algumas das situações descritas já estivessem resolvidas ou suavizadas. Porém, a globalização[18] continua perversa e se "especializando" cada vez mais em afligir o trabalhador. Santos (2003) discorre ainda sobre o mundo confuso e confusamente percebido onde a perversidade da globalização está justamente no fato de ser mostrada ao trabalhor como um mundo de possibilidades, mesmo sabendo que estas possibilidades nunca chegarão ao trabalhor.

Mediante esta situação, o empregado acaba acuado diante de tantas adversidades e vê seus sonhos vitais e de consumo ficarem cada vez mais distantes. Então, diante de tanta incerteza, quando surge uma possiblidade de rápida mudança em sua condição de vida, o trabalhador acaba se sujeitando a situações muitas vezes degradantes, mas que a curto prazo, supõem-se, possam vir a resolver todos os seus problemas e sonhos.

> Certos lugares passaram a gozar, no momento aqui abordado, desta qualidade de gerar fatos notáveis e de motivar a veiculação de notícias por redes tanto formais, como a imprensa, quanto informais, no caso dos já mencionados contatos pessoais. A mística do enriquecimento de alguns garimpeiros, serviu como catalisador e orientador para muitos, numa proporção que na verdade ultrapassava as reais possibilidades de ascensão social (PÓVOA NETO, 1997, p. 3).

Conforme descreve Póvoa Neto (1997), o agente motivador que guia milhares de pessoas rumo ao garimpo é o sonho por enriquecimento rápido. No entanto, esse sonho não passa de misticismo, conforme citado por esse autor. Deve ressaltar que, sim, é possível enriquecer no garimpo e, sim, é possível enriquecer de maneira rápida, porém, isso acontece com fração irrisória do contingente que busca tal fortuna.

[18] Para Ianni (1998, p.01): "A globalização do mundo pode ser vista como um processo histórico-social de vastas proporções, [... que] rompe e recria o mapa do mundo, inaugurando outros processos, outras estruturas e outras formas de sociabilidade, que se articulam e se impõem aos povos, tribos, nações e nacionalidades". Não confundir com o conceito de mundialização que segundo Chesnais (1996, pg. 13 e 15): "A mundialização do capital se refere a uma nova configuração do capitalismo mundial e nos mecanismos que comandam seu desempenho e sua regulação. O que qualifica a mundialização como nova e mais recente fase de desenvolvimento capitalista é que, apesar de persistirem aspectos das fases anteriores, o sentido e o conteúdo da acumulação de capital e dos seus resultados são bem diferentes".

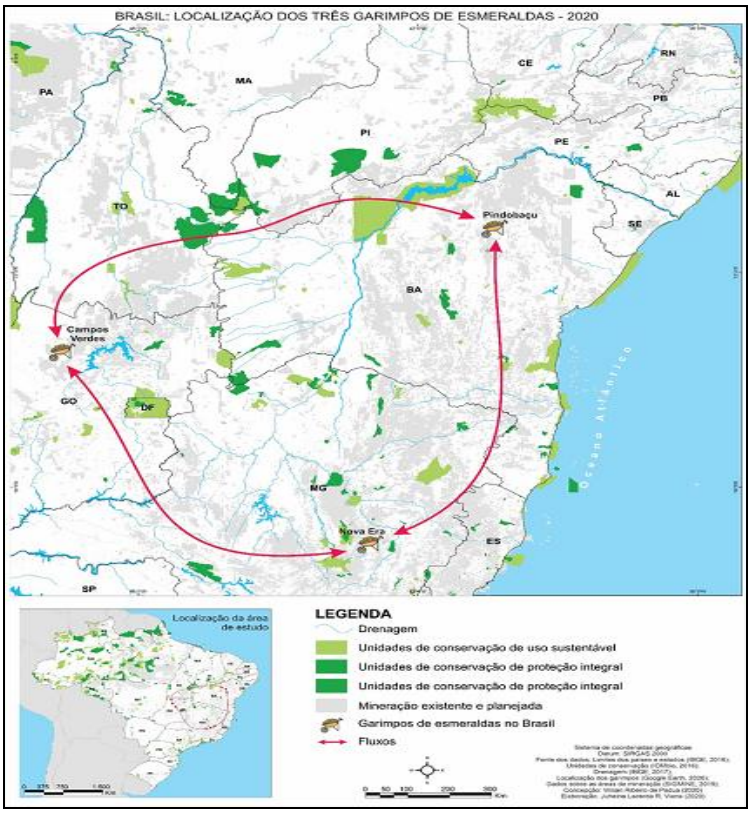
Não demora muito para perceberem que enriquecer no garimpo não é fácil, portanto, o garimpeiro acredita que amanhã será o grande dia de sua vida e ele então irá "bamburrar". O garimpeiro vive sempre à espera do golpe de sorte que mudará sua vida, conforme descreve Póvoa Neto (1997, p.7): "Tal situação adequava-se à já mencionada aspiração de ascensão social que caracterizava o meio social do garimpo, no qual parecia estar sempre presente a possibilidade do golpe de sorte que mudaria os destinos individuais".

Nos garimpos pesquisados, quando a notícia da descoberta destes se espalharam, não tardou para que milhares de pessoas chegassem aos municípios pesquisados. Sobre essa movimentação, Póvoa Neto (1997, p. 10) descreve:

> A mobilidade dos garimpeiros segue padrão diferente do verificado no caso do ouro. Ocorre uma permanente circulação entre as três áreas esmeraldíferas existentes no Brasil, nos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais. A área de Pindobaçu (Bahia) fornece quase que a totalidade dos garimpeiros. O estabelecimento de redes de parentesco levou a que existam famílias inteiras dedicadas à exploração da esmeralda, dispersas pelos demais garimpos e trocando informações referentes a oportunidades de trabalho e de sobrevivência.

Por mais de uma década, parcela da população garimpeira que trabalhava no ramo das esmeraldas, fazia uma triangulação (Figura 04) entre os três garimpos de esmeraldas existentes no Brasil: Pindobaçu/BA, Nova Era/MG e Campos Verdes/GO. Bastava o sucesso de algum deles em um dos garimpos para que logo um familiar fosse juntar-se a ele na aventura do garimpo, com isso tramas familiares foram sendo construídas nos três garimpos, conforme já descrito por Póvoa Neto (1997).

Figura 04 – Mapa de localização dos garimpos de esmeraldas no Brasil.



Organizado pelo autor (2020), elaborado por Viana (2020).

Ao contrário da chegada, quando da descoberta dos três garimpos, que foi rápida e avassaladora, o que acontece na dispersão é que a mesma é lenta e gradual. Esta busca incessante por meios de existência passou a desconhecer barreiras territoriais e seus círculos estão sendo ampliados cada vez mais, conforme destaca Gonçalves (2005, p. 1):

> O fenômeno que se convencionou chamar de globalização tem, na verdade, mais de cinco séculos. Começou com a aurora do mundo moderno e se intensificou com a revolução industrial e o advento da economia capitalista. O capitalismo surge historicamente com vocação global, a qual lhe é inata. A partir da revolução industrial e de outras transformações da chamada modernidade, o sistema capitalista se estende pelo planeta em círculos cada vez mais amplos, até alcançar todo o universo.

Mobilidade e globalização se misturam e se completam, ou seja, por um lado o capital se estende em círculos pelo planeta, a mobilidade não apresenta um sentido único e vai em todas as direções, conforme destacado por Gonçalves (2005, p.05):

> Diversos fatores dão conta dessa nova complexidade da mobilidade humana, em âmbito mundial. Podemos sublinhar, entre outros, o fato de os fluxos migratórios não terem mais origem e destino determinados. O que se verifica é um vaivém mais ou menos desordenado, em todas as direções. Não poucos migrantes têm mais de uma origem, outros migram por etapas, para depois retomarem o caminho de volta.

> Enfim, os migrantes acumulam em sua experiência várias saídas e várias chegadas, numa tentativa constante e praticamente vã de se fixar definitivamente. As trajetórias se repetem, torna-se difícil distinguir idas e vindas. Cada chegada converte-se em novo ponto de partida. A fixação vira uma miragem sempre distante e nunca alcançável.

Independente da acepção dada, inconteste é o fato que, ao trabalhador, em busca de sua sobrevivência, só resta a mobilidade forçada ou a automobilidade.

Considerações finais

Os garimpos estudados entraram para a história por acaso, a descoberta de esmeraldas em seus subsolos atraíram sujeitos diversos de várias partes do Brasil, e até de outros países. Por décadas, estes municípios, enfrentam as oscilações da cadeia produtiva da extração e comercialização das gemas preciosas.

Os processos de mobilidade entre os garimpos de esmeraldas pesquisados mostram os conflitos de classe e a desigualdade social. Os detentores do capital *jogam* com os trabalhadores garimpeiros. Na ocasião em que é de seu interesse, os atraem com promessas infactíveis de riqueza, mas quando não mais lhes convêm, os esquecem.

Justamente este esquecimento é que faz a *roda* da mobilidade territorial do trabalho girar. É notório que em todo garimpo, toda a cadeia produtiva se concentra nesta única atividade e, na falta dela, faz com que os trabalhadores se movam em busca de sobrevivência e, por consequência, buscam primeiramente onde tem conhecimento e experiência. Com isto, a dispersão e o afluxo entre os garimpos são frequentes.

Apesar da inconstância no trabalho nas áreas estudadas, o labor nesta atividade é por demais precarizada, não há fiscalização e, dessa maneira, o trabalhador é subalternizado ao extremo. Atribuindo-lhes jornadas de trabalho excessivas, falta de critério técnico para as escavações, que causam acidentes fatais, insalubridade, falta de equipamentos de proteção, baixa remuneração, essas são apenas alguns dos infortúnios enfrentados pelo trabalhadores garimpeiros.

As *heranças* deixadas pelos garimpos na atualidade, são municípios com uma população flutuante. Em determinado períodos, acontecem um esvaziamento populacional considerável, em outros, ocorre ao contrário. Estes antagonismos populacionais são prejudiciais não somente para os trabalhadores, mas também, para os municípios que *hospedam* os garimpos.

Os governos deveriam criar políticas públicas para áreas de mineração, sejam garimpos ou empreendimentos minerais. Políticas visando a capacitação destas populações em artesanato baseado nas gemas que extraem, geoturismo, entre outras vertentes que podem ser implementadas. Destarte, essas políticas diminuem a dependência destes municípios com as atividades minerais

Os problemas sociais são sem dúvida o pior legado do garimpo. A maioria das pessoas deixaram suas vidas para trás, venderam imóveis, propriedades, abandonaram as famílias e seus lugares de origem em busca de riqueza. Porém, o que a maioria consegue é pobreza, doença, frustração e abandono. O alvo do garimpo não são as pessoas, mas estas, também, acabam sendo *garimpadas* pelo garimpo, mudam seu jeito, suas culturas, suas crenças e suas esperanças, e a cada sacudida da peneira, um pouco dos seus sonhos caem até ficarem totalmente fragmentados e inalcançáveis.

RERERÊNCIAS

GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Ed. Stampa. Lisboa, 1977.

GONÇALVES**,** A. J. **A mobilidade humana e a globalização**: fenomenologia e desafios. Pastoral da Mobilidade Humana. Brasília. IMDH, 2005.

KALLEBERG, Arne. L. **O Crescimento do trabalho precário: um desafio global**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Vol 24 n°69, fev/2009. Disponível em https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/wFXkGkStrfp8yByGCh3C4rp/?lang=pt&format=pdf. Acessado em fev, 2023.

Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo / José Marcos Pinto da Cunha (Org.). - Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; 2011.

MATTOS, M. B. **A classe trabalhadora**: uma abordagem contemporânea à luz do materialismo histórico. Outubrorevista, ed.21, 2015. Disponível em: http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-21-Artigo-03.pdf. Acessado em: Jul, 2018.

MOURA, S. T. **Serra Pelada: experiência, memórias e disputas**. Mestrado. PUC-SP, 2008. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13071. Acesso em Jan. 2023.

PERPETUA, G. M; THOMAZ JUNIOR, A. **Geografia e trabalho no século XXI**. Presidente Prudente. Editorial Centelha, 2018.

PÓVOA NETO, H. **Garimpo e Mobilidade Espacial do Trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, 1997.

PÓVOA NETO, H. **Migrantes, Garimpeiro e seu "lugar" no território nacional**: itinerância e mobilidade espacial do trabalho. Rio de Janeiro, 1997.

RODRIGUES, Caio César; GÁRCIA, María Franco.**GARIMPO: Extrativismo e precariedade das relações sociais de produção no Seridó paraibano**. XIII Jornada do Trabalho. Presidente Prudente, 2012. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000142012000100022&script=sci_arttext. Acessado em Fev, 2023.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SHMALTZ, W. H; GUIMARÃES, G. **Garimpos do Brasil**. Brasília: Divisão de Fomento da Produção Mineral, DNPM,1983.